

EDITORIAL

No apagar das luzes do ano, vem a lume o segundo número da revista *Estudos Nietzsche* de 2018. Um volume que apresenta uma série de artigos resultantes do XLI Encontros Nietzsche, evento do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), realizado no primeiro semestre deste ano e sediado no Paraná, na UFPR. O evento, que teve como tema “A figura de Nietzsche no interior da obra de Nietzsche”, debateu as idiossincrasias daquela figura, que ora se apresenta como o “Senhor Nietzsche”, ora como o *autor* que fala e conduz a argumentação, num discurso redigido em primeira pessoa do singular. O tema, paradoxal frente à dura crítica à ideia de um “eu” ou de um sujeito agente presente na obra do filósofo no geral, foi objeto de um debate exaustivo, do qual resultaram os textos que são apresentados neste momento.

O primeiro desses textos, o artigo intitulado “Filosofia da alimentação e o caminho para a temperança em Nietzsche”, aborda diretamente o modo como Nietzsche se apresenta no interior de sua obra a partir dos cuidados que manifesta em relação à sua dieta. Eduardo Nasser, o autor do artigo, coloca em relevo o modo como o filósofo correlaciona alimentos e saúde, estabelecendo, nesse campo, uma espécie de programa educacional que, no seu limite, poderia ser entendido como uma “*filosofia da alimentação*”. Um projeto que ganha contornos peculiares a cada momento da obra do filósofo e exerce um papel decisivo em sua *autobiografia* em 1888.

O segundo artigo, de Wilson Frezzatti Junior, cujo título é “Nietzsche leitor da Biologia do século XIX: Dominação vs. Nutrição e Reprodução”, toma como objeto de estudos o conceito de vida. Segundo Frezzatti, embora Nietzsche mantenha uma profunda correlação com a ciência de sua época, ele se afasta dela ao explicar o movimento geral da vida não pelos conceitos de nutrição e de reprodução, como faz a ciência do período, mas pela noção de dominação. Tal contraposição se explicaria porque, para Nietzsche, os biólogos do seu tempo não seriam “antimetafísicos o suficiente”, prendendo-se em pressupostos como o da existência de “leis naturais fixas e eternas” e mantendo-se, assim, “aferrados à ideia de conservação e de equilíbrio”.

O terceiro artigo, de Alexander Gonçalves, intitulado “Escrever o que se é: considerações de Nietzsche sobre linguagem e estilo”, coloca em debate “‘a arte do estilo’ nietzschiana”. Tomando *Ecce homo* como principal material de trabalho o autor avalia o objetivo do filósofo de produzir uma linguagem que ultrapasse os limites da comunicação centrada no “eu sou”, permitindo, assim, comunicar uma realidade mais

profunda, que seria designada pela expressão “si mesmo”. Em debate, portanto, estaria a correlação entre a exposição de si e o empenho do filósofo pela ampliação dos limites da linguagem para além do âmbito da consciência.

A figura do “eu” e as possibilidades de uma linguagem para além da consciência são contemplados também no quarto artigo, de Alexandre S. Barbosa, intitulado “Estatuto e Topologia do Sujeito em Nietzsche”. No texto, o autor toma a crítica de Nietzsche ao sujeito, em especial na sua acepção cartesiana – de um sujeito agente –, como ponto de partida para chegar a certas funções do sujeito no pensamento de Nietzsche como a de uma “ilusão necessária” e também como a de uma “superfície onde estão inscritas as impressões dos objetos e suas representações”. Como conclusão, Barbosa afirma que ao levar o tema do sujeito às suas últimas consequências, Nietzsche chegaria a uma espécie de utopia de um “sujeito sem eu”, próximo àquilo que será tematizado por Lacan, posteriormente.

O quinto artigo, de Márcio José Silveira Lima, “Os percursos de Dioniso e Zaratustra: Nietzsche crítico de si mesmo”, inicia com o questionamento acerca dos diferentes significados das figuras de Dionísio e de Zaratustra em Nietzsche. Nomes que podem ser entendidos, no seu limite, como um *alter ego* do filósofo, mas que são considerados, no artigo, pelo viés do modo estratégico como são utilizados, tornando-se um recurso importante para o filósofo na realização da tarefa que consiste na apresentação de seu pensamento. O que mostra um uso profícuo de tais figuras no interior da obra do filósofo – sem perder de vista, contudo, que essa interpretação não significa uma palavra final sobre o problema do “*alter ego*”, pois, de fato, conforme alerta o autor, nos últimos escritos do filósofo, os nomes de Zaratustra e Dionísio se sobrepõem ao do próprio Nietzsche.

O sexto artigo, “Nietzsche, o cínico e o espírito livre. Um ensaio de crítica imanente”, de Clademir Araldi, apresenta um estudo histórico filológico da figura do espírito livre em Nietzsche, considerando as variações sofridas pelo conceito. Dentre essas variações, ganha relevo o fato de que inicialmente a figura do espírito livre teria traços epicuristas de uma “*vita contemplativa*”, de recolhimento e voltada sobre si mesma, enquanto nos textos finais do filósofo, ela apresentaria contornos de uma “*vita ativa*”, com um caráter cínico, da “fala franca” e voltado à intervenção, mormente, sobre os “processos niilistas do mundo moderno”. Tal estudo permite ao autor confrontar a figura do cínico que se tem em Nietzsche com a figura do cínico que se tem em Baudelaire, abrindo possibilidades não aventadas pelo filósofo, como, por exemplo, a de aliar “ao

gênio alegre e solar dos provençais o gênio melancólico, cínico e artístico de Baudelaire, para ter uma posição mais livre (como espírito livre), como bom europeu, em seu tempo”.

O cinismo do filósofo é, em parte, o objeto de estudo do sétimo artigo, de Fernando Barros, intitulado “Lendo O caso Wagner”, que toma *O caso Wagner* e também *Ecce homo* e anotações do período, como um material de trabalho para avaliar algumas apreciações “crítico-vivenciais” do filósofo. Apreciações que são anunciadas n’*O caso Wagner* ao modo “*Ridendo dicere severum...* [rindo, dizer coisas sérias]”. Ganha relevo, assim, a arte de rir que daria ensejo a um pensamento sério. Em tal obra, esse pensamento envolve a crítica ao artista alemão, mas, em especial uma reflexão sobre convalescença e terapêutica – o que não descarta a ideia de que *O caso Wagner* seja “um problema para músicos”, mas, indica, segundo Barros, que se trata de um problema, sobretudo, “para fisiólogos”.

No oitavo artigo, “*Ecce guri: Nietzsche nas autobiografias juvenis*”, Stefano Busellato coloca em relevo o teor autobiográfico “fora do comum” verificado na obra nietzschiana, desde sua juventude (do guri), e a importância desse gênero de escrita para o filósofo. No artigo o autor aponta a importância de um olhar sobre si mesmo para Nietzsche, como uma forma de conhecimento de si. Esse conhecer a si mesmo significa, nesse contexto, uma “autocrítica” e se correlaciona diretamente com a ideia de uma “autoconstrução”, o que resgata a questão do estilo autobiográfico e confere ao mesmo um papel ímpar no conjunto dos escritos do filósofo.

Este número da *Estudos Nietzsche* traz ainda duas resenhas: a primeira do livro de Anthony K. Jensen, intitulado *An Interpretation of Nietzsche's On the Uses and Disadvantage of History for Life* (New York: Routledge, 2016, 189 p.), realizada por José Nicolao Julião; e a segunda do livro *Le Colombe dello Scettico: riflessioni di Nietzsche sulla coscienza negli anni 1880-1888* (Pisa: Edizioni ETS, 2007, 267 p.) de Lucas Luppó, escrita por Laura Elizia Haubert.

Aos leitores, com o tempo incomum que se tem no final do ano – votos de uma boa leitura!

Curitiba, dezembro de 2018.

Os editores